Portugueses
Portugueses

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão - Rua da Oliveira, 13
Editor - João A. Santos
Telefone: C. 1035

A acção das classes

Uma nova gréve se declarou ha pouco, trazendo como consequencia a paralisação dum importante serviço publico e ameaçando afectar sériamente a economia nacional, nesta epocha em que os meios de transporte constituem a base de todo o esforço vital dos povos, quer beligerantes quer neutraes.

Não trataremos das razões que levaram o pessoal ferro-viario a abandonar o trabalho. Só o aspecto social do caso nos preocupa, por representar no nosso modo de vêr mais uma prova da desorientação que lavra no espirito das classes operarias, reunidas na racional organisação de classe, mas imprudentemente conduzidas no campo errado duma perigosa teoria, pelos cerebros incultos ou ambiciosos dos seus dirigentes.

A integração dos individuos exercendo o mesmo mister nas associações de classe, o seu desenvolvimento e perfectibilidade quando orientados num sentido inteligente e coordenado com o das outras classes componentes do meio social, são idéas que, longe de combatermos, consideramos fundamentaes para a futura organisação da sociedade — aquela a que presidira a Monarquia, nas suas formulas puras e tradicionaes.

Mas quando essas associações levadas por palavras desprovidas de senso pratico, numa falsa visão economica da vida, se afastam de fim natural da sua creação e preterem o interesse da collectividade que representam, lançando-a pelo caminho da revolta na guerra contra as classes abastadas — o que tornando-se prejudicial ao meio, contra elas claramente reverterá — então essas associações desvirtuada a sua função, transformam-se em celulas que se desregam do organismo a que pertencem, lesando-o e ameaçando a sua existencia, constituindo apenas elementos negativos de progresso.

Associações em que o espirito dominante seja o de vincular no cerebro dos seus membros o principio destructivo da lucta de classes, a que só por meios revolucionarios e de coacção podem encontrar solução para os problemas que mais implicam com o seu bem estar, são associações nefastas para o meio social que as obriga e estereia quanto ao resultado que visão.

Existe por certo um antogonismo na fórma de compreender o interesse subjectivo das diferentes classes, provenientes da diversidade de fieis para que cada qual tende, das funções especiaes que a cada uma compete, e porque a natureza lançou entre os homens as desigualdades, que são afinal uma das razões do progresso, por que destas surgem as convergentes e divergentes aptidões dos individuos, sem as quaes nunca haveria a divisão do trabalho, poderoso contribuinte do estado de civilisação a que chegamos.

Mas nunca esse interresse subjectivo deverá ser colocado acima do interesse objectivo comum a todas as classes e que é o da propria nacionalidade a que pertencem, traduzido pelo anceio de ordem, de aperfeiçoamento e da satisfação das necessidades geraes a todos os grupos da sociedade.

A vida moderna tornou as classes de tal maneira *inter-dependentes* — como lhe chama Duguit — que a sua acção só poderá obter resultados vantajosos quando coordenada numa harmonica e estavel direcção por um poder central, alheio aos seus respectivos interesses especiaes, mas que com elas comungue no interesse superior comum: o da patria.

E como de tudo isto se afastam os que veem semear na alma pacifica das multidões trabalhadoras a ideia da lucta das classes, pregando-lhes o odio ao capital, e descrevendo-lhes no delirio do seu sonho de incompetentes ou de ambiciosos, uma organisação social em que este cessará de existir.

Quando esta orientação viciosa rege os movimentos do proletariado, provoca necessariamente a *crise de confiança* das classes ricas, que conservam os seus capitais inactivos, ou os colocam em especulações financeiras com o que o país pouco ganha, ou os introduzem em terras estrangeiras onde as garantias de estabilidade social os tranquilizem, o que resultará em prejuizo da nação e do proletariado igualmente, que vê baixar o salario pela paralisação que a fuga do capital trás ás industrias.

A França, nos ultimos cincoenta anos, assistiu ao espectaculo triste de vêr os seus capitaes escoarem-se lentamente através do Rheno indo fortalecer e fazer prosperar as industrias com que os seus inimigos se enriqueciam para melhor a combater e destruir.

Um exemplo estatistico nos demonstrará o que houve de criminoso e de imbecil na atitude revolucionaria do proletariado francês, ajudando o inimigo a forjar as armas com que hoje os atacam. A carteira de valores estrangeiros em França estava computada antes da guerra em 50 milhares de francos ao passo que na Alemanha o era apenas em 22 milhares. Resulta uma diferença de 28 milhares de francos, que convertidos em salarios permitiram aos alemães sustentar mais 30 milhões de habitantes — feito o calculo a 900 francos por habitante — elevando assim o bem estar da população.

O desenvolvimento industrial alemão, para que o capital francês tanto concorreu, trouxe consequentemente o aumento dos meios de subsistencia, donde de modo inevitavel resultou o crescimento da população, e alargamento do consumo e a alta dos salarios.

Eis o que duma forma tranquila conseguiu o proletariado germanico, poderosamente organisado, e em cujo espirito o conceito de classes foi substuido pelo de cooperação, por nele ter visto residir o seu interesse e o da sua patria.

O exemplo que acabamos de expôr e as suas conclusões são-nos contados por Lyzis, o sociologo francez, que ninguem póde acusar de tendeucias conservadoras, pois é bem conhecido o seu ultimo trabalho tentando revigorar, actualisando-as, as doutrinas democraticas.

* * *

Foi pelas leis de 17 de março e 14 de Junho de 1791 que em nome da liberdade de comercio e de industria, a Revolução destruiu as associações de classes, as *jurandes et maitrires*, proclamando a dissolução de toda a especie de corporações de cidadãos do mesmo estado e profissão. Dava-se isto no momento em que o machinismo ia transformar a economia dos povos, creando o *privilegio industrial*, como tão sabiamente lhe chamou o grande espirito do Conde de Chambord, que — segundo ele vaticina com uma clareza que o futuro nos mostrou — *tendo nas mãos a existencia dos operarios, se encontrava investida da dominação absoluta a qual poderia formar-se opressiva e levar-nos consequentemente a crises funestas.*

Até 1884 foram as associações prohibidas e mesmo severamente reprimidas, pelos governantes orientados na ideologia democratica. Mas pouco a pouco o espirito associativo, tão natural nos humanos, reage e começa a manifestar-se, progredindo até atingir o aspecto d'universalidade com que hoje se nos apresenta.

No capitulo economico, como no social, a democracia falira, impotente para resolver os problemas primarios da humanidade, deixando apenas como recordação da sua passagem pela terra a longa esteira de sofrimentos que creou e dos crimes que cometeu.

O proletariado d'instincto o reconhece, fugindo da esteril politiquice por ela gerada, para o seio das suas associações, onde quando bem conduzido, poderá dedicar-se ao que directamente afecta o seu bem estar e dos seus.

E' comtudo necessario que essas associações deixem de ser como até hoje — a serie infinita de greves a que temos assistido disso nos convence — elementos de desordem onde se cuida exclusivamente de desenvolver no operario o espirito de ambição desregrado do salario, levando-o a considerar o capitalista como o inimigo a quem urge extorquir os maximos proventos, dando o minimo de esforço.

Assim as reivindicações dos trabalhadores não cessam, antes prometem continuar, em vista da atitude hesitante dos governos. Algumas dessas reivindicações foram justas dada a carestia da vida a que nos levou a incuria e a deshonestidade dos governantes passados, mas a repartição tão seguida desses movimentos colectivos, desvenda-nos um projecto revolucionario mais amplo, constituindo um perigo para o resto da sociedade. Por o caminho que seguimos cada dia mais fundo se cavará o abismo entre as classes e mais impossiveis resultam os entendimentos on os tão desejados tribunaes arbitraes.

O que se impõe inadiavelmente é a organisação do proletariado por profissões na harmonica e veridica teoria, que a mutua dependencia das classes não lhes permite a lucta, por ser negativa, mas antes lhes proporciona o ensejo de encontrar na cooperação organisada, revoluções favoraveis aos problemas que mais angustiosamente desiquilibram a existencia dos trabalhadores.

Um obstaculo encontrarão na sua frente, mas felizmente facil de remediar. E' o regimen republicano, que filho predilecto das doutrinas democraticas, é levado pela logica a uma acção economica profundamente individualista e como tal adverso ao movimento associativo.

Mas como dissemos, parece-nos um obstaculo facilmente removivel, e temos a inabalavel fé que brevemente assim acontecerá para bem da inteligencia e da felicidade dos povos.

Eduardo Pinto da Cunha

Rol de honra

Baixas em França

MORTOS

nas datas que se indicam:

Por ferimentos em combate

Regimento de cavalaria 11:
Alferes João Batista, em 9 de abril.
Regimento de infantaria 8:
Soldado 632 da 1.ª companhia, Manuel Dias Gomes, em 20 de abril.

Por gazes em combate

Regimento de infantaria 23:
Soldado 492 da 4.ª companhia, José Alves Pardal, em 24 de junho.
Batalhão de artilharia de costa:
2.º sargento 590 da 7.ª companhia, Manuel Pedro Pinto, em 2 de julho; soldados numeros 115 da 8.ª companhia, Augusto Ferreira Gamelas, em 27 de junho; 581 da 1.ª companhia, Joaquim Pedro, 27 de junho; 292 da 1.ª companhia, Antonio Cordeiro, 27 de junho; 182 da 2.ª companhia, Joaquim Semimundo, em 28 de junho; 69 da 8.ª companhia, Antonio Pessoa, em 1 de julho; 220 da 8.ª companhia, João Lourenço Coelho, em 1 de julho; clarin 201 da 8.ª companhia, Manuel Lopes, em 30 de junho.

Por desastre em serviço

Regimento de infantaria 7:
Soldado 548 da 2.ª companhia, Joaquim Gonçalves, em 20 de maio.
Regimento de infantaria 21:
Soldado 207 da 6.ª companhia, Francisco Joaquim, em 14 de junho.
Lisboa, 25 de julho de 1918.

Dr. Pequito Rebelo

Como noticiamos ontem é na segunda-feira proxima que o nosso querido amigo realizará na Associação da Agricultura uma conferencia sobre o «Problema do Pão».

A proposito de nada

O PARLAMENTO

Cheira a estupidez, a mau gosto, a impostura, a uma imensa falta de educação...—Dá vontade de, á saida, apedrejar a estatua de José Estevam, com toda a sua postura estudada ao espelho, por sentirmos, com uma evidencia gargalhada e dolorosa, que o parlamento nunca passou, no fundo, duma atitude mais ou menos bela, mais ou menos ridicula, mais ou menos sincera, em que sempre predominou o ar, a vontade de se dizer: «—reparem: isto é que é falar bem:..»

Logo na sala dos paços perdidos encontrei um deputado governamental, de cabelo frizado em caracolinhos na testa á velha moda dos picadores marialvas—e fraque virado, escovaeo, a fingir de novo... como as ideias...

Um outro, muito lambido, de chinó pouco á vontade com a sua meia chicara de chá naquele meio de broa e caldo verde. E mais dois de jacuetão á zambana, fazendo no vão duma porta, blague daquilo, com os modos janfarrões de quem lá na terra manda botar quartilhos p'r'á sociedade ou faz cigarros negociando bezerros numa feira.

Depois, na galeria 2, reparei na imprensa. Um desgraçado conjunto de fatos velhos e regras mal lavadas, tresandando a fadiga, faltas de dinheiro e a desejos de rabiscar ao acaso, com gramatica ou sem ela, unicamente o que ali se dissesse, para não ter o trabalho de, da sua pelintra cabeça, pôr alguma coisa:

Em frente ficavam-me as lunetas, as farripas brancas, os ombros derreados, a suplica não me ralem, eu já não posso... do sr. Presidente! E eu leimava e o adivinhar, por detraz da secretaria, dentro dum capacho barato, envoltos em cobertores de pápa, os pés inchados, os chinelos de orêlo, a gota grotesca e senil do sr. Presidente.

Os continuos cruzavam, procuravam Excelencias com o geito comprometido e ironico de criados que se sentem mais lavados e corretos do que os patrões. Um enorme bocejo de inutilidade e tedio, erravam...

E num dado momento, soltou-se uma voz empastelada, arrancando em desafinações de cornetim de saltimbanco.

Era um orador!

Falava de punhos fincados na mesa, com movimentos de vai-vem, sacudidos, debandalhilheiro citando. Discreteava sobre os principios, a Republica, os deveres dos bons republicanos—lugares comuns fedurentos saidos das barricas das muitas bernardas que se teem feito. Esfurlava-se numa indignação desmedida em que havia o heroico esforço de querer acreditar-se.

Houve apoiados!

E tomou a palavra não sei quem, talvez um ministro, fardado de oficial de marinha, que berrou, rouquejou, estendeu punhos fechados contra o timoneiro... contra o sr. presidente, comando a manobra... parlamentar... Foi tal o entusiasmo, tal a furia que lhe cairam os dentes...

E fechou assim, creio eu, a sessão de ontem:—com um ministro atrapalhado, a querer segurar os dentes...

Com franqueza, é desolador! Para que serve aquilo?

Para vista? Pelo amor de Deus, então não façam eleições. Nomeiem uma especie de comissões de remonta; destaquem-nas por essas provincias fóra; apurem boas figuras; adestrem-nas num lugar proprio; lavem-nas; fardem-nas encolarinhem-nas; ensinem lhes a caminhar, a bracejar—e mostrel-nas por fim... no Parlamento.

Ao menos os olhos alguma coisa ganhariam...

Sóves d'Oliveira

De tamanho natural

Entreteve ontem a saudavel alegria da camara o sr. Cunha Leal, cerebro graduado do machadismo, lendo aos deputados atonitos o relato circunstanciado da destruição d'*A Montanha*, nos termos precisos em que a historiava *A Manhã*.

Nós sentimo-nos tocados até ás lagrimas, quando lhe ouvimos a voz comovida a contar o tombo com que os assaltantes brinderam «*o busto da republica, de Teixeira Lopes, em tamanho natural*». Ora, se os senhores dão licença, o que demonio será o tamanho natural da republica?

Carece em primeiro logar, é claro, de se saber se o busto era da republica *velha* ou da *nova*, duma matrona caduca ou dum *bebé* ingenuo, a chupar o *biberon*, gulosamente. E depois, estabelecido isto que parece elementar, qual é o *tamanho natural* da republica. A avaliar pelo ridiculo e pela insignificancia dos homens deve ser o dum mosquito ou de qualquer parasita de nome suspeito. A avaliar pela ignorancia boçal dos seus defensores, é pelo menos das dimensões do elefante ou da baleia.

Enfim o sr. Cunha Leal nos elucidará na sessão de hoje, para proveito da sciencia zoologica que espera ancioosamente a resposta.

Um alvitre acertado

Notou-se ontem, quando da entrada na sala da camara dum representante da nação que acabava de ser proclamado, este fenomeno curioso: só depois da minoria monarquica se levantar, por atenção para com o novo deputado, é que a maioria percebeu que se tratava dum dever de cortezia elementar.

Ora digam-me, façam favor, se não era explendido que se fizesse uma edição ilustrada do compendio de João Felix Pereira, á razão dum exemplar por cabeça da maioria, é claro para aqueles a quem se reconheça á existencia desse orgão essencial. Distribuição gratuita, é claro.

Por longos e bons...

Fez hontem anos o sr. José do Vale. Na confusão que é a vida da imprensa, só hoje tivemos conhecimento do facto.

Apressemo-nos pois a felicitar o sr. Vale, incarnação viva da Democracia, não desfazendo no sr. Mayer Garção que é o seu acompanhador em verso...

E, fazendo-o, pedimos a Deus que o facto se repita durante muitos anos, para regalo dos nossos olhos e do nosso espirito.

Que seria de nós se desaparecesse da arena da vida esse nosso desopilante quotidiano?... Morreriamos certamente de tedio.

E, nesta prece, envolvemos tambem o sr. Machado Santos, que parece apostado em ganhar os louros da Imortalidade na sua vertiginosa corrida para a Asneira infinita...

Nosso Senhor terá compaixão das nossas almas, prolongando por muito tempo a preciosa vida do fundador da Republica e do seu simbolo...

Coincidencia...

Contam os jornais, que numa terrola da provincia foi morto por uma bomba, que lhe explodiu nas mãos, o sr. Antonio José d'Almeida.

A simples leitura desta noticia deve ter causado calafrios ao nosso Danton de casca de nós, fazendo-lhe talvez lembrar aqueles desgraçados que, por sua culpa, morreram na explosão da calçada da Estrela, vitimas das bombas que ele lhes encomendára e pagára.

Existirá ainda um bocado de consciencia nessa alma negra? Se existe, esta coincidencia nominal deve ter-lhe soado como um aviso misterioso do castigo de Deus...

Dr. Antonio Sardinha

Foi impossivel ao nosso ilustre redactor-principal usar da palavra na sessão de ontem das camaras dos deputados. Por isso só hoje lhe ouviremos as afirmações nobilissimas do seu patriotismo, a rebater com a vivacidade e o brilho do seu espirito critico, a legenda caluniosa de germanofilissimo espalhada a respeito dos monarquicos pela infamia demagogica, e que o sr. Cunha Leal, *leader* machadista quiz reeditar mais uma vez, com a sua insinuação velada ao *snobismo* (quelle trouvaille !) dos que desejam a victoria da Alemanha.

A' alusão timida mas traiçoeira do deputado esquerdista entendeu o nosso querido amigo, sr. dr. Antonio Sardinha, dever responder com o desassombro altivo da sua fé nacionalista, e desfazer o miseravel edificio de má fé levantado pela gente democratica, quando precisou de exilar e perseguir os defensores da ordem, fossem eles monarquicos ou republicanos, desde que lhes repugnasse a tirania estupida e a violencia cobarde dessa era de opróbrio.

A palavra calorosa e sugestiva de Antonio Sardinha seberá hoje liquidar de vez a calunia torpe, o insulto infame que se tornou um lugar comum na boca dos demagogos.

Dr. Campos Monteiro

Visitou-nos na nossa redacção o sr. dr. Campos Monteiro, ilustre director do belo jornal de politica monarquica «A Patria».

Jornalista de recursos e escritor de meritos invulgares, a sua pena nunca desfaleceu na campanha da causa monarquica que é tambem a causa da nossa patria.

Ao dr. Campos Monteiro, a «Monarquia» agradece a gentileza da sua visita, retribuindo as suas felicitações.

Antonio Rodrigues Nogueira

Faleceu na madrugada de ontem o nosso querido amigo e ilustre official, sr. Antonio Rodrigues Nogueira.

Tendo militado no partido progressista, na queda da monarquia, conservou-se na sua fé e no seu amor ás instituições monarquicas.

Era um espirito muito culto, e um dos engenheiros mais competentes.

Homem duma só fé, desde a proclamação da republica reagiu sempre, trabalhou incansavelmente pelo triunfo da Realeza, o que o levou á emigração donde voltou com a amnistia Pimenta de Castro.

A' sua ex.ma familia os nossos mais sentidos votos de pezar.

Chassez le naturel

Recortamos d'«A Liberdade» de ontem:

«...e toda a gente sabe onde estão os mentores do monoculo, da cinta estreita e das meias operarias... Palavra que as vezes apetece chamar-lhes pelo nome proprio.»

Divertidissimo tudo isto, no seu burlesco irresistivel. O que os senhores d'«A Liberdade» hão-de fazer ainda para maior lustre seu, e escreverem com todas as letras o tal nome proprio que pretendem aplicar-nos. Sejam coerentes e logicos, porque emfim deve ser essa a linguagem habitual das sessões do «Centro Catolico». Não se envergonhem por quem são! Ponham-se á vontade, alarguem a cinta e aliviem-se do pesadelo. Podem até abrir a navalha e cantar á guitarra as coplas dos «apaches»...

E viva o Centro Catolico, com benção dos Prelados e tudo!

Ler na 2.ª pagina:
Centralisação do ensino primario

A questão do nacionalismo racico

II

O misticismo etnico

A' cabeça do rol das acusações contidas na brochura que serve de pretexto a esta serie de artigos figura a tremendissima denuncia do nosso *misticismo etnico*, apurada trabalhosamente da doutrina d'*O valor da raça*, o livro formidavel em que a cultura vasta e a intuição finissima de Antonio Sardinha lançaram as bases do movimento nacionalista, evocando para a sua finalidade consciente, a razão historica do povo portuguez, a virtude primitiva da nossa gente. De *ideas-rum* patriotico se capitulou então esse trabalho magistral, sintese vigorosa da verdade lusitana, surpreendida no determinismo originario das caracteristicas antropologicas, nos aspectos do caracter nacional, no exame dos factos cuja lição eloquente nos revela a cada passo os direitos imorredouros da Grei, os direitos da nossa formação, acentuados dia a dia na aspereza da lucta, na sangueira dos recontros e das batalhas.

A historia de Portugal é a cronica assombrosa dessa lucta titanica. A' ponta da espada se conquistou a nossa terra, e á ponta da espada a guardámos das arremetidas de cubiça dos invasores, até ao dia em que começou o ocaso doloroso da nacionalidade para se incarnar, sessenta anos mais tarde, no Portugal de hoje, feito do passado onde fomos procurar a regra da nossa existencia de povo livre.

E, no fundo, a reagir sempre, a afirmar-se sem hiatus e sem vacilições, lá vamos encontrar a razão fundamental do estado: a virtude espantosa da raça. Porque entre nós a nação precedeu o estado: A forma politica não foi senão o molde em que se vasou a nacionalidade primitiva, a ossatura que organicamente se sobrepoz ao *etnos*. Não constituiu Portugal um estado de artificio, vivendo sobre uma convenção ou um entendimento externo a vida precaria da Suissa ou da Belgica. A nação é anterior, muito anterior mesmo ao quadro juridico das instituições publicas. Elas foram apenas a consequencia logica dum condicionalismo primario, do exclusivismo absoluto da Raça.

As conferencias «d'A questão iberica» fixaram definitivamente este ponto. A determinante etnica, e a indole especial do nosso comunitarismo depõem pelas qualidades fundamentaes da Raça que soube ser tão grande e que tem resistido a tantas provações e tantas vicissitudes, sem se deixar abater nem vencer, sem que a abandonasse por um instante a certeza do seu destino.

Pode o emplumado critico do «Nacionalismo racico» atirar-nos os epitetos mais estravagantes e mais desconcertados. Bem sabemos nós que o principio da Raça fica absolutamente de pé, contra todas as objecções, ainda as mais vistosas contra todas as analises ainda as mais pujantes de aparato scientifico.

Para negar essa verdade axiomatica é preciso que se esteja cego de facciosismo, com o reptil asqueroso da inveja a morder e a mentir.

Mas o contraditor do Integralismo prefere entrincheirar-se atraz duma retorica falida, para se insurgir indignadamente contra o horrivel «misticismo etnico» do nosso movimento que é, nada mais nada menos, na sua opinião recambolesca de que a adaptação dos processos de Fichte, o filosofo do imperialismo germanico, da expansão da raça eleita.

A ver vamos o que ha de verdade nesta acusação.

A doutrina de Fichte

«*Théoricien monomane et mystique de l'Allemanité* — chama algures Maurras a Fichte, com inteiro rigor. E' dificil seria definir melhor o espirito filosofico da metafisica barbara e abstrusa do grande pensador do germanismo. A monomania mistica da Alemanidade, o conceito individualista do Germano, estendido á colectividade politica, na ancia insaciada da conquista e da rapina, na sede do dominio universal, eis a doutrina monstruosa do autor dos quatorze «Discursos» patrioticos de 1808.

Para Fichte, como para Hegel, a Germania é o povo de Deus. Ressurge o conceito primitivo da idéa religiosa e ingenua dos Francos: *gesta Dei per Francos*. A Germania incarna nas suas virtudes extraordinarias as virtudes do povo eleito de Deus. Neste momento da historia da humanidade ela representa a hegemonia e o mando, como outrora os Romanos o representaram. A Alemanha tem uma missão elevadissima a cumprir, segundo o seu filosofo: ela ha-de reconstituir a ordem moral da sociedade moderna, e a verdadeira religião. A vitalidade alemã assegura-lhe o triunfo certissimo, garantindo-lhe o esmagamento das raças depauperadas, exaustas, porque os latinos tiveram a sua época e pertence agora o sceptro do mundo ao povo da Germania. O seu potencial espantoso confere-lhe o direito da força, o direito á victoria e ao dominio. Para os outros povos fica a sujeição e a renuncia, debaixo da tutela de ferro do alemão, debaixo da disciplina implacavel do seu arbitro despotico.

Não é outra a concepção grosseira de Fichte que foi, depois do desastre de Jena, o credo patriotico da Prussia e a logica do renascimento da Alemanha.

Sobre ele, sobre essa doutrina monstruosa é que os doutores do germanismo edificaram lentamente a união germanica, acordando para o mesmo esforço povos disparatados e nações fragmentadas, emprestando-lhe uma razão de existencia e de alliança. Por isso ela é, na sua brutalidade e no seu despejo, a principal responsavel desta guerra, cujas causas vem de muito longe e que devem procurar-se, numa boa proporção, no delirio dos espiritos, assoberbados pela idéa duma vocação historica grotesca, pela ambição exaltada do Imperio universal.

O testemunho de Maurras

Eu quero invocar aqui o testemunho de Maurras que deve ser sumamente grato ás predilecções de espirito do critico do *Nacionalismo racico*, traductor ajuramentado da obra do poderoso logico francez.

E' no livro *Quand les français ne s'aimaient pas* que Maurras depõe sobre Fichte, com uma franqueza, e duma forma tão inesperada que deve surpreender ao ultimo ponto quem fie o seu conhecimento dos cadernos de versões baratas que por aí andam espalhados.

Depois de analisar o misticismo etaico alemão, de o olhar em todos os seus aspectos, friamente, reconhecendo-lhe os certos e as falsidades, sentenceia o grande pensador latino:

«*Se elê (Fichte) teôou os seus discipulos a um delirio grosseiro, em compensação desbendou-lhes, ao mesmo tempo que a todo o corpo da nação, um sentimento e uma idéa que contra o estrangeiro valeram por um arsenal.*»

E mais adiante, no seu mesmo livro, escreve ainda Maurras:

Não se deveria sorrir da essencia de tais pensamentos. Se não contam por si mesmo, rodeiam e exprimem um sentimento fecundo e audacioso. Audacioso porque nasceu no proprio instante em que a Alemanha parecia agonizar debaixo do pé de Napoleão. Fecundo... nós devíamos saber porquê.»

Que me seja permitido trasladar ainda para aqui algumas linhas que vou encontrar duas paginas adiante, e que rezam textualmente o seguinte:

«*Educaram-nos aos pés da Alemanha. Não na admiração do nacionalismo energico que, ligando os filhos da Germania á tradição dos Germanos, lhes comunicava uma confiança absoluta nas faculdades particulares da sua raça. Crescemos na admiração frenetica do restante: o pensamento, a lingua, a poesia, até o proprio socialismo alemão. Apenas ignorámos a unica razão verdadeira da superioridade alemã.*»

E Maurras verbera aspera e dolorosamente os culpados da formação mental da mocidade franceza, a quem se ensinou a descrença e o vencidismo, a quem se negou a nacionalidade, a quem se ofereceu uma visão historica infeliz da França. E' o *scepticismo etnico*, chamemos-lhe assim, a contrapôr-se ao *misticismo racico* de Fichte. E já vimos como a razão classica do claro espirito latino de Maurras opta desembaraçadamente pelo segundo com todos os seus defeitos. Porque tudo é preferivel ao derrotismo intelectual que se seguiu a 70, á invasão da inteligencia dum povo pelo pessimismo morbido e pela descrença das suas proprias faculdades.

Ainda bem que podemos argumentar com as palavras do chefe do movimento realista em França, que ninguem se lembrará de acusar de barbaro. A dinamica formidavel do pensamento de Fichte, ele a admira e justifica, porque dela saiu a Alemanha moderna, porque o orientou a idéa patriotica. A Fichte deve a Germania a sua reincarnação. E' absurda a sua teoria? E' monstruosa? Pois, apesar disso, foi sobre ela que se construiu o imperio alemão. O que é que isto significa senão a virtude intima do principio da raça, a força espantosa do misticismo nacional, geratriz impetuosa de atividades conjugadas todas para o mesmo fim? Só assim, acreditando no seu porvir e na sua missão é que um povo se torna grande e forte. Não é decerto negando-se, apoucando-se aos seus proprios olhos que uma nação consegue a coragem dos grandes empreendimentos.

A mistica é a fonte de todos os esforços colectivos. Onde surge a descrença, onde falha a idéa mistica, inutil é tentar seja o que for.

Tal é a justificação do misticismo etaico de Ficht, no seu angulo nacional, na sua intenção patriotica. Depoz Maurras com a sua autoridade imensa, mas o germanismo não se reabilitou por isso, nem se reabilita do seu delirio absorcionista.

Uma distinção necesaria

E é justamente é que mesmo a monstruosidade do pensamento fichtista. A doutrina germanica não é apenas uma doutrina nacionalista; é uma teoria imperialista.

Exactamente aqui é que se torna necessario fazer uma distinção imediata e fundamental.

O germanismo é o principio da expansão para alem das fronteiras, a defeza do direito de anexação, a facil e corrida justificação para todas as violencias e todas as agressões. Não é dessa indole o principio que nós defendemos e que está cheio do mais são nacionalismo.

A nossa doutrina, o nosso misticismo etnico, cujos fundamentos rigorosos explanaremos, é a idéa da conservação das energias e da exaltação da raça, dentro do seu condicionalismo natural, ao contrario do que sucede com o germanismo.

O nosso misticismo racico serve para nos apontar a verdadeira vocação da raça, e para nos ensinar o culto da nossa Terra e dos nossos Mortos. E' justamente a idéa da Raça, pela verificação da sua indole sedentaria, do seu comunitarismo basilar, que nos leva á condenação do erro da Renascença e a loucura dos descobrimentos.

Ao passo que a teoria germanica exaltaria a nossa tentativa imperialista, den-

tro da logica do dominio mundial, o nosso pensamento nacionalista repel-a pela sua contradição com a natureza da raça e o interesse do país.

Assim se verifica que o nosso misticismo etnico contem em si toda a força dum renascimento, toda a geração formidavel do Portugal de amanhã. O culto das nossas virtudes racicas deve ser a primeira regra do nosso entendimento. Vimos já na ficção germanica o expoente maximo da sua vitalidade. Procuremos, pois, na verdade lusitana a razão do nosso futuro, e a certeza da nossa fé patriotica.

Precisamos de conhecer as nossas possibilidades, de interrogarmos a nossa historia, para nos determinarmos politicamente. Sem condições de expansão universal, sem pretensões de imperialismo exgotante, nós faremos do nosso misticismo etnico a base da ressurreição de Portugal.

A nossa vocação, a virtude secreta da Raça já se adivinha na legenda sebastianista, o misterio da esperança feita do passado, a consciencia dum povo a falar por simbolos, e a alentar a fé do seu porvir cheio de bruma. Que melhor poderiamos desejar da rialidade etnica do que a crença na libertação, depois da tragedia de Alcacer, quando todos os valores positivos e todas as forças morais se haviam perdido, na subversão total da nacionalidade. Alguma coisa ticou de pé no meio dos escombros, a incarnar no sebastianismo a esperença eterna do Luso. Por isso é que o Desejado constitue para mim a mais bela expressão do nosso misticismo etnico, cuja intuição nós tivemos, na alma eterna do povo, muito antes que o nosso espirito scientifico o estabelecesse sobre bases positivas.

Excusadas me parecem mais considerações sobre um assunto arrumado. Amanhã continuaremos nesta faina aborrecida de discutir com a calunia e a má fé acasaladas.

Armando da Silva.

Ecos das camaras

Não funcionou ontem o Senado, por falta de numero. E' a primeira «gazeta» que fazem os srs. senadores.

Para começo, já não é mau.

Na camara dos deputados foi a sessão interessantissima.

Tratou-se do caso do incendio da *Montanha*.

O sr. Joaquim Madureira, que tambem é Braz Burity, foi o primeiro a levantar a voz. Voz fraca, mas gesticulação interessante. Parecia que ia dansar ou dar um salto mortal para o meio da sala. Mas não dansou nem saltou.

O sr. Cunha Leal, com voz demonstrativa de muita gemada, pega na palavra e diz coisas interessantes.

Comete atro elos na gramatica, mas como não assiste á sessão o sr. Candido de Figueiredo, o caso ficou sem importancia.

Importantes são as suas declarações. O sr. Cunha Leal, como que falando para a historia, diz a toda a gente que hoje, por um estado de espirito, não póde falar com ninguem nem encarar ninguem sem um revólver ou uma arma na mão!

E os republicanos atualmente, continúa o sr. Leal, só teem dois caminhos a seguir—ou o exilio ou a cadeia!

Para o sr. Cunha Leal, a republica fez-se para todos os republicanos, e todos os republicanos teem direito á liberdade, á egualdade e á fraternidade.

Diz o sr. Leal, que os republicanos são perseguidos e muitos deles andam no exilio, mas esquece-se de que são republicanos que fabricam bombas, que desacreditam Portugal lá fóra. O sr. Cunha Leal esquece-se que os *republicanos* que fóram para a Africa, alem do seu credo politico, teem ás costas crimes sobre crimes, figurando nos cadastros, entrando em todos os tumultos, em todos os assaltos, provocando, insultando, roubando e desrespeitando as autoridades.

Então o «Quim», o «Armando de Aveiro», o «Mendes», o «Chiné», por serem republicanos não devem ser perseguidos pelas autoridades, não devem ir para longe, para que nos não assassinem nem roubem?

Não sabemos qual a politica do sr. Cunha Leal, mas as suas palavras sonoras, que não queremos acreditar sinceras, outra coisa não mostram, ou pretendem mostrar, que o desejo de congraçar na republica, na republica nova, os homens honestos e os assassinos.

O sr. Cunha Leal deve tomar outra orientação.

Nos republicanos deve fazer uma escolha severa;—pôr dum lado os que merecem confiança, doutro lado os que nos causem suspeita.

A igualdade não é para todos. Um assassino não tem os mesmos direitos que um homem de passado limpo e de caracter firme.

Os republicanos só veem agora dois caminhos a seguir: ou a cadeia ou as fronteiras. Como o sr. secretario do interior recomendou com rara energia, tambem diremos que realmente os republicanos só teem dois caminhos: ou o exilio ou a prisão. Quem pode admitir que um fabricante de bombas ou um arruaceiro viva á vontade, perturbando e provocando?

Sobre o incendio misterioso da «Montanha» falam ainda os srs. Moreira de Almeida e Antonio Cabral.

E' então que o sr. Tamagnini Barbosa (secretario do interior) se levanta.

Com um desassombro que chega por vezes a entusiasmar a assembleia, o sr. secretario do interior historia, com os dados que possue, os acontecimentos. Condena o incendio propositado do jornal democratico «A Montanha», embora desse jornal só tivesse recebido insultos e ataques pouco correctos.

Mas porque ainda pouco se conhece do misterioso caso, ficamos a m saber se a «Montanha» foi realmente assaltada por elementos extranhos ou foram os seus proprios redatores que lhe lançaram fogo.

A politica tem sempre surprezas surprezas agradaveis para nos dar dia a dia.

Esperemos pelos acontecimentos e por melhores noticias.

O sr. Vasconcelos e Sá esqueceu-se de que estava no parlamento e era ministro. O seu discurso rouco num comicio ou numa proclamação popular de uma republica soaria melhor.

A epoca que corre não é para romantismos. As afirmações fazem-se claras, como os fez o sr. Tamagnini Barbosa, ou então não se fazem.

Estavam inscritos ainda os srs. Celorico Gil e o nosso camarada, que só hoje desfará a leada absurda e vil do seu germanofilismo, quando ele nunca deixou de mostrar o seu grande amor pela nossa terra sagrada.

Entrando-se na ordem do dia, elegem-se as seguintes comissões:

Comissão de legislação criminal—Almeida Pires, Celorico Gil, Calisto Rodrigues, Sousa e Melo, Daniel de Fonseca, Francisco Fernandes e Joaquim Saldanha.

Comissão das colonias: Costa Meteto Junior, Ponces de Carvalho, Egas de Alpoim, Almeida Arez, Henrique Pinheiro, Melo Vieira, Lino Neto, Ayres de Ornelas e Teles de Vasconcelos.

Legislação civil e comercial: Almeida Paes, Anselmo Alpoim, Couto Rosado, Henrique Pinheiro, Ruela Ramos, Couceiro da Costa, Mauricio Costa, Miguel Crespo, Izidro dos Reis, Alberto Navarro, Faria Pacheco, Francisco Fernandes e Joaquim Saldanha.

Instrução publica: Alberto Machado, Almeida Garrett, Egas Moniz, Eduardo de Almeida, Costa Cabral, Xavier Basto, Pidelino de Figueiredo, Xavier Esteves, Calado Rodrigues, Correia Monteiro, Vicente Freitas, Pinto da Fonseca, Pedro Navarro, Thomaz de Almeida Garrett, Victor Meades, Pinheiro Torres, Costa Lobo, D. Luiz de Castro, José de Azevedo e Lobo de Avila.

Revista da imprensa

JORNAES PORTUGUESES

O caso dos jornaes do Porto e o «Mundo»

O jornal dos herdeiros de França Borges, fingindo que tem força moral para o fazer, vem hoje todo colerico protestar contra o assalto á *Montanha* e ao *Norte*.

Diz o furibundo articulista que não é o sr. Vale. mas alguem por ele:

> O que se passou no Porto foi pavoroso. Muito grave mesmo. Em nenhuma situação e em nenhum paiz se deram semelhantes casos, fora das agitações revolucionariarias. Em nenhum pais! Em nenhuma situação!

Em nenhuma situação. Como os plumitivos do jornal da rua de S. Roque são esquecidos!

Com que então em nenhuma situação? Nem mesmo na situação democratica?

E dirigindo-se ao governo exclama o sr. Vale, n.º 2:

> Entretanto, não é de palavras que se trata. E' de factos concretos. Exige-se apenas que o poder diga que medidas está disposto a tomar para impedir que salteadores profissionais exerçam livremente a sua criminosa profissão.

Mas não ha que fazer tanta exigencia. Expontaneamente, sem que o orgão da formiga branca, outro instigador dos assaltos aos jornaes monarquicos, falasse, já o sr. secretario do Interior fazia estas afirmações na Camara:

> —Parece-me que fui explicito com referencia ao que se passou com o jornal *O Norte*! Oxalá, porem, que eu, baseando em factos que constam todos os dias do proprio *Diario de Noticias* do *Seculo*, da *Manhã* e dos demais jornais, não tenha que trazer á Camara um projecto de lei violento, o mais violento possivel, para reprimir certos actos que estão sucedendo hora a hora.
>
> Ninguem ignora que as auctoridades estão exercendo a sua acção numa atmosfera de crimes. Enquanto eu for secretario de Estado do interior hei-de fazer tudo para manter a ordem!

O que tem graça é que a gente da redação do *Mundo* não gostou destas palavras peremptorias...

E tambem destas da *Situação*, não deve gostar:

> Este caso servir-lhes-ha para uma campanha feroz, em que só não terão razão, porque foram elles os primeiros a incitar o povo ao crime. Foram eles que se solidarisaram sempre, que defenderam sempre estes processos demagogicos, que hoje não são violentamente condenamos. Eram eles que tinham a pratica de assaltar. Sabem-no fazer melhor que ninguem. Por isso a eles devemos deixar essas maneiras tão repelentes de proceder.
>
> Nada queremos com quem é criminoso. Para esses bandidos primos os mais severos castigos; porque não pode a imprensa, que deve ser livre, estar á mercê duma desordeira minoria. Por isso achamos necessarias, imediatas e cuidadas investigações. Ha muito que aturar neste obscuro caso. Talvez que se venham a descobrir coisas interessantes. Segreda-nos um amigo aqui ao ouvido uma declaração que não nos atrevemos a reproduzir. Ele que a faça se quer, porem, perante as autoridades competentes. Ha muito a descobrir, repetimos, e a honra da Republica Nova bem exige que o caso seja imediatamente tirado a limpo. Nada o podem prejudicar manejos de incendiarios vindos de qualquer campo. Se eram seus partidarios, deixaram de o ser, desde que enveredaram pela senda do crime. E se o não eram, então os acontecimentos tomam outro aspecto, ainda talvez mais abominavel, que nos abstemos por agora de considerar.

Pois venham lá essas *coisas interessantes*! talvez calem de vez as bocas do *Mundo*...

Os anos do sr. Vale

Fez ontem anos o antigo anarquista que França Borges assoldadou e Afonso Costa fez lacaio. Pois os anos do sr. Vale foram o facto mais importante do dia de ontem por todo o globo terraqueo... Não houve jornál que não anotasse o fasto glorioso.

Diz a *Situação*:

> José do Vale fez anos. E' uma nova sensacional que a estas horas percorre o globo, veloz, estridente, como a queda de Kerenskv, como a passagem do Marne. São, segundo o jornal, as gloriosas primaveras—um autentico vale florido.

José do Vale é alguem. E' um notavel. O *Jornal da Tarde* define aos seus leitores a sua notabilidade jornalistica:

> José do Vale entrou para o jornalismo (?), não contando com o tempo em que esteve a selar cintas nos jornaes, aos 20 anos. Ha, portanto, 18 anos, 18 anos, a maxima de duas dezenas de calinadas por dia, da cenho e cincoenta e sete mil seiscentas e oitenta calinadas que José do Vale tem ás costas.

Erga-se-lhe uma estatua, que bem pode ser assim: a efigie de s. ex.ª com um saco enorme de calinadas e de bombas ás costas.

Ainda o discurso

Tem feito gemer os prelos a famosa peça oratoria do sr. dr. Sidonio Paes. Mais uma opinião. E' do nosso presado colega *A Patria*:

> Que pobreza! Que coisa pequenina e vã que foi a mensagem presidencial ontem lida no Congresso, posta em confronto com os antigos discursos da Coróa que ela se destina a substituir! E' depois de proclamarmos tudo isto que nós, olhando bem para os tempos da Monarquia, nos sentimos cada vez mais monarquicos e na disposição de luctar e combater para que ela possa voltar e imperar a sociedade portuguesa desta bretoeja de vaidades balofas que a perturba e avilta.

Em que ficamos?

Curioso dialogo este, ontem no Senado:

> «O sr. Machado Santos, diz que tem de haver presidente do ministerio, que responda pela politica geral do gabinete, e, se ha secretarios de Estado, tem que responder o Chefe do Estado.
>
> O sr. presidente:—Isso é materia constitucional que o Senado não pode resolver.
>
> O sr. Machado Santos:—Ora a materia constitucional é uma só: a que não está revogada, e, assim, ha ministros e não secretarios de Estado.
>
> O sr. presidente:—*Não sei l...*
>
> O sr. Machado Santos:—Não sabe?! Mas v. ex.ª deve conhecer do Direito!...
>
> O sr. presidente:—E conheço os factos... Além do que v. ex.ª ainda os deve conhecer melhor do que eu... Sabe bem o que se passou...
>
> O sr. Machado Santos:—Ha os factos e ha o Direito. O Direito está agora em funções, e v. ex.ª, que nesta camara tem as altas funções da sua direcção, tem tambem lá fóra a função de a representar.
>
> Faça, pois, v.ª ex.ª perante quem o deve fazer, as ponderações devidas.

Quem responde ao sr. Machado Santos? Vamos: em que ficamos?

Incidente desagradavel

Tendo um reduzido numero de ferroviarios do caminho de ferro do Sul e Sueste feito uma manifestação hostil contra dois superiores, as auctoridades para evitar que se repitam actos de indisciplina, mandaram hoje de madrugada ocupar militarmente a estação e oficinas no Barreiro, onde até agora nada se passou de anormal.

O sr. governador civil do distrito, que tambem partiu para ali de manhã, tem estado a inquirir varias pessoas afim de apurar responsabilidades.

Centralisação do ensino primario

Somos descentralistas e fómo-lo sempre. Reputamos a peor descentralização superior a melhor centralização. Apenas a Republica nos convencen de que em Portugal, com este regimen, a descentralização é impraticavel. Ha oito annos que as camaras municipais estão entregues a um unico partido da republica e estas camaras tinham como vereadores creaturas analfabetas e mal intencionadas e então o professor se não estivesse escravizado a esse partido e se vindo essa gente, era um verdadeiro martir.

Se uma ou outra camará tinha vereadores inteligentes e, sabedores, apenas o professor era satisfeito em tudo e por tudo, logo que estivesse ao lado dos mesmos. De contrario, levava tapona de criar bicho. Tudo o que houvesse de bom era para os amigos, os outros, ostracismo e perseguições. E tantas foram elas e tão alto bradavam os seus clamores, os atropelos a leis eram tantos, as torpezas de que os educadores nacionais foram victimas, atingiram tal grau, que julgamos ha muito que essa arma não podia ser entregue e m mãos tão desastradas e hostis aos mais elementares principios de justiça.

A lei de 2 de Maio de 1573 era descentralizadora.

Era uma lei admiravel, servida por organismos excelentes.

Então as camaras praticavam ilegalidades e atropelos, mas era outro o poder central que trabalhava por estabelecer um belo equilibrio, mas que por vezes faltavam nos seus deveres.

Havia uma emulação encantadora entre muitos. E o professorado de então, em muitissimos concelhos, schava-se satisfeito com aquela organisação.

Caiu ás mãos do maior inimigo da luz que teve a monarquia—José Dias Ferreira. A descentralisação, as conferencias pedagogicas, os aumentos sucessivos de ordenados aos professores eram mil estimulos que erguearam o nosso ensino publico.

Desde então isto caiu até ao esterquilinio em que nos encontramos. A escola retrogradou meio seculo, andando sempre aos trambulhões desse quedo mortal.

Comercio do Povo e o *Liberal* que vieram defender a descentralização actual, desconhecem com certeza o que foi a reforma de 78 e o que era a descentralização de hoje. A de 1878 foi bela, relativamente; a de hoje era ignobil. Arma aperrada no peito dos professores, ou haviam de ser escravos, ou tombar.

Com eleições livres, com municipalidades, traduzindo os diferentes partidos politicos era natural que muitas asperezas não emergissem, e que se não praticavem verdadeiro atentados contra professores distintos, com receio de reivindicias, ou pela defesa que minorias podiam tomar acerca de professores condenados pelo caciquismo. Mas assim era impossivel.

Hoje em vista o sucedido com as camaras do Porto e Lisboa. Conseguiram os seus caudatarios organizarem uma lei especial, a famosa lei de 449 em virtude da qual só os selecionados pela grei, serviam os professores destas cidades. Era uma lei monstruosa, perfiihada por governos democraticos e tão monstruosa era que o proprio governo democratico, perante um movimento da classe foi obrigado a pol-o de lado, dando-lhe o golpe exterminadora foi essa lei a primeira enchadada que a descentralização recebeu.

Os seus efeitos maleficos ainda se refletarão por longo tempo no ensino do Porto, mas ao menos, tombou o mostrengo, que era um favor nas mãos de semelhantes criaturas.

O poder central será hostil á classe do magisterio primario e á instrução, como supomos. Será um foco politico, mas por pior que seja, deve de ser melhor do que o que estava. Um dia virá em que gente de tino reça uma descentralização em harmonia com os altos interesses do ensino e do corpo docente da escola, cercando as camaras de pelas que as façam guiar na orbita devida. Mas não é com este regimen que já deu bastas provas da sua incompetencia para assuntos tão delicados, e que se não compatibilizam com a inferioridade mental e pedagogica dos tristes ministros que á frente da instrução tem estado.

A Republica, está provado, é em Portugal inimiga da instrução popular. Prova-o entre mil factores incontroversos, o facto de, ha 8 anos de republica, não haver lei organica do ensino popular, tendo havido mais de meia duzia de ministros de instrução. Demonstrou-o agora o sr. dr. Alfredo Magalhães que, reformando o ensino medio e superior, elevou aos seus professores os ordenados, deixando o professor primario com 500 réis por dia. E isto tendo feito promessas de os erguer da lama.

O professorado agora que lhe agradeça. Era a derradeira esperança que tinha na republica de que foi entusiasta. Agora assoe-se áquele lenço. A desilusão foi cruel para essa classe prestimosa, a quem se deve a civilisação.

Foi inesperada, porque até á vesperal do banquete o foguetorio estalou ruidosamente na imprensa oficiosa.

Perdeu o sr. secretario da instrução publica uma oportunidade brilhante para se destacar dos apagados ministros seus antecessores, fazendo uma obra de lidima justiça. Perdeu o governo uma excelente ocasião de redimir muitos erros perpetrados contra a escola popular, determinando os professores a serem unigos do sistema politico que o tem esmagado com torturas inauditas.

Agora a classe que erga o seu bradoingente. Ou então, silenciosa, continue a tragar, saturado de lagrimas, o pão que o diabo amassou.

A vêr vamos.

Antonio Figueirinhas.

Incendio

Prejuizos importantes por falta de agua

Hoje, pelas 6 horas e 20 minutos da manhã, manifestou-se incendio numa das dependencias interiores dos escritorios do sr. Abel Pereira da Fonseca, negociante de vinhos e azeites, situados no primeiro andar do predio n.º 82, da antiga rua do Principe.

Devido á falta d'agua, pois durante uns 15 minutos, a que saiia das bocas não chegou para molhar as mangueiras, o fogo desenvolveu-se ardendo tudo quanto existia nos referidos escritorios, que estavam seguros na Companhia Lisbonense em 1:500$000 reis, sendo os prejuizos muito superiores.

Nos baixos do referido predio está instalado o Café da Brazileira, propriedade do sr. Adriano Telles.

Ali os prejuizos tambem foram importantes, visto ferem estalado com o calor dois grandes espelhos que ao aquecerem uma das peças daquele café e o fomo e a agua terem deteriorado as pinturas.

O referido café está segurp nas companhias Garantia e Futuro, respectivamente em 14 e 10 contos.

No segundo andar estão instalados os escritorios de automoveis dos srs. Rugeroni & Rugeroni Limitada, que sofreu insignificantes prejuizos.

Os inquilinos do terceiro andar e das aguas furtadas apenas sofreram o susto, que não foi pequeno.

Na extinção do incendio trabalharam oito aguilhadas.

Os bombeiros tomaram nota dos nomes de varias pessoas para provarem que durante um quarto de hora não houve agua nas bocas de incendio para atacar o fogo, sendo preciso telefonar para a Companhia das Aguas, afim de dar providencias imediatas.

O incendio é atribuido a uma rutura da chaminé da cosinha do café da Brazileira, que como se sabe fica instalado dos subterraneos do mesmo.

Notas da Arcada

Consta que o secretario de Estado do Interior, em virtude da reorganisação da policia ser um trabalho muito complexo, é quasi certo que não poderá apresentar na presente legislatura a reforma dos serviços policiaes, como fora anunciado.

—Com respeito aos transportes maritimos, segundo nos consta, pessoas autorisadas, competentes e conhecedoras do assunto manifestaram já junto do sr. secretario de Estado das Colonias para que os referidos transportes sejam dirigidos a um conselho de administ ação, mas com uma certa autonomia, pagando a Estado todos os fretes que requisitar o referido conselho.

—O sr. major general da armada vae visitar em breve as obras de defeza maritima de Aveiro.

—O sr. secretario de Est do do Interior mandou proceder a um rigoroso inquerito acerca do que ultimente se passou no Porto com o jornal «A Montanha».

—Deem ser publicadas brevemente as nomeações dos novos directores da secretaria de Estado das Colonias.

—A coluna expedicionaria de marinha, que lá desembarcaram como dissemos em Lourenço Marques, segue brevemente para o teatro de operações.

Palmyra Callixto

Tratamento de senhoras e creanças

Massagem medica manual e electrica Gymnastica medica e sueca. Tratamento da pelle e cabellos. Manucure.

TAUROMAQUIA

Praça de Setubal

Depois de amanhã, realisa-se na elegante praça de touros de Carlos Relvas, a primeira das duas corridas que a empresa Mesquita & C.ª dá em motivo da grande feira anual de S. Tiago, á qual concorrem grande numeros de amadores de Lisboa, que aproveitam os combolos extraordinarios para visitarem a linda cidade do Sado e assistirem á magnifica corrida, na qual será lidado um belo curro de touros do lavradr sr. Francisco da Silva Victorino. Na corrida tomam parte o notavel artista José Casimiro e o amador setubalense Constantino José e os aplaudidos bandarilheiros Jorge Cadete, Tomas da Rocha, Luciano Moreira, Alfredo dos Reis, Casimiro Domingos, Agostinho Coelho e Filipe Pelix.

Esta corrida será dirigida pelo distincto amador D. Carlos de Mascarenhas.

No domingo e segunda feira haverá combolos extraordinarios para Setubal e no final de cada corrida, haverá dois combolos extraordinarios para Lisboa, com ligação com Aldegalega.

Coliseu Figueirense

A direcção deste elegante circo, prepara um excelente «cartel» para a inauguração da epoca, que será a 11 de agosto.

Na Figueira da Foz, já ha grande rumação principalmente no Bairro Novo, onde a animação é já enorme entre os «habituais» das touradas.

Sabemos que na primeira corrida toma parte o grande artista José Casimiro, além dos melhores bandarilheiros portuguezes.

Caldas da Rainha

A empresa desta elegante praça, está orgulhosa para o proximo dia 15 de agosto, uma extraordinaria corrida para inauguração da epoca, por ocasião da grande feira anual.

Sabemos que os touros pertencem a uma afamada ganadaria do Ribatejo e que toma parte na corrida o natavel cavaleiro José Casimiro e os melhores bandarilheiros portuguezes.

A BEIRA

S. A. R. L.

Seguros Terrestres, Maritimos e Guerra, Greves e Tumultos

Seguros agricolas

Delegação de Lisboa:

Largo de S. Julião, 12, 1.º

Telefone C. 905

Policia preventiva

Foi suspenso o agente da policia preventiva de nome Greinha, acusado de abusar da sua autoridade.

Ao agente da mesma policia Joaquim Silva, está sendo feita uma sindicancia por ser acusado de ter feito a despeza de 9.000 réis num restaurante da Baixa, importancia que não pagou.

Jornadas e Salões

Mundo diplomatico

Monsenhor Rugonesi, Nuncio apostolico em Madrid e que ainda se encontra em Lisboa, offereceu ontem um almoço diplomatico, no palacio da Nunciatura, á Rua do Secramento á Lapa, tendo sido convives os srs. Secretarios de Estado dos Negocios Estrangeiros, Justiça, Interior e Colonias, ministro da America, Dr. Egas Moniz, Ministro de Portugal em Madrid, capitão Feliciano da Costa, ministro de Portugal junto do Vaticano, alferes Bernardo de Albuquerque, Dr. Augusto Carneiro, Conselheiro Fernando de Sousa, Dr. Gonçalves Teixeira, Monsenhor Mazeli, Monsenhor Ciocetti e o superior dos Padres Dominicanos do Corpo Santo.

Salões

O sr. capitão H. Armando do Masi, ajudante do adido militar americano e sua esposa Mrs. Beatrice de Masi, ofereceram, ha dias, um jantar a algumas pessoas das suas relações, que foi seguido de recepção.

Baptisados

Na paroquial igreja do Coração de Jesus foi baptisado um filhinho da sr.ª D. Amelia de Oliveira e Sousa Veloso de Mascarenhas e do sr. Manuel Valente Mascarenhas; tendo recebido o nome de Fernando Manuel.

Foram padrinhos os avós paternos.

—No domingo passado teve logar, na paroquial igreja do Lumiar, a cerimonia do baptisado da filhinha da sr.ª D. Maria Albertina Sout' Pimentel Scarlet e do sr. John Scarlett. Da gentil creança, que recebeu o nome de Maria da Graça, foram padrinhos Nossa Senhora da Graça, tendo-a por madrinha a sr.ª D. Amelia de Castro Lemos, e o sr. Henrique Humberto da Veiga Pallinha (Amoreira da Torre).

Rendez-vous elegantes

Os pontos de reunião combinados para hoje, segundo o nosso «carnet», são:

—No Eden, cuja empresa estabeleceu as receitas da moda ás terças e sextas.

—No Chiado-Terrasse, com um esplendido programa cinematografico.

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Cintra.
Viscondessa de Manhã.
D. Maria Joaquina de Saldanha da Gama.
D. Maria Izabel de Figueiredo Cabral Pinheiro Torres.
D. Helena Homem d'Almeida Calheiros.
D. Teodora Adressen.

E os srs.:

D. José de Lencastre e Tavora (Marquez de Abrantes).
Ernesto Herculiano de Mendonça e Silva.
Alexandre Calleya Alves.

Fazem hoje anos as senhoras:

D. Suzana Pinto Limbos de Oliveira Dores, genti filha do sr. conselheiro Julio Lisboa Oliveira Dores e do saudecido engenheiro naval sr. Alfredo de Oliveira Dores.

Matinée d'arte

Num dos nossos mais grandiosos salões de vae realisar-se brevemente uma matinée artistica, que uma comissão, composta de artistas de renome, escritores ilustres e admiradores do grande pintor brasileiro Navarro da Costa, promove em sua homenagem.

O programma desta festa está sendo elaborado meticulosamente, a fim de que essa consagração represente o mais justo manifestação de apreço artista.

Segundo nos consta, a essa festa assistirá Sua Ex.ª o sr. embaixador do Brazil em Portugal e todo o corpo diplomatico acreditado junto do Governo Portuguez.

Do jornada

Está em Lisboa o sr. Conde de Tarouca.

—Parte do Porto para Vizeu a sr.ª Viscondessa da Silva Andrade.

—Encontra-se já em Cintra o sr. D. José de Mello (Sabugosa) com esposa a sr.ª D. Antonia Mendonça de Mello (Azambuja) e sua gentilissima filha D. Assumpção.

—Está no Porto, hospedados no Grande Hotel, o sr. D. Antonio de Mendia, José Azaiey, Julio Jardim de Vilhena e esposa, Domingos Pinto Barreiros e esposa, Antonio Mario d'Almeida Brandão e José Henriques Mendes Ramos e esposa.

—Tem estado em Lisboa, devendo regressar hoje ao Porto, o distincto capitão miliciano de cavalaria sr. Eduardo de Serpa Ferreira.

—Partem brevemente para a Granja, o sr. D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena e sua esposa a sr.ª D. Maria José de Azeredo Teixeira de Faria.

—Estão nas Caldas da Saude, em Santo Thyrso o sr. L. de Mendonça e Costa.

—Encontra-se nas Pedras Salgadas o sr. João Pinto Ribeiro.

Perfumaria Balsemão

141 RUA DOS RETROZEIROS 141

TELEPHONE N.º 2727—LISBOA

As festas em Bemfica

E' já depois de amanhã, pelas 21 horas, que se realisam em Bemfica as festas desportivas a favor dos mutilados da guerra, sob a presidencia do chefe do Estado.

Além do torneio de esgrima para a disputa da Taça «José Pontes», que está despertando tanto interesse, é completado o programa com uma elegante sessão de patinagem em que tomam parte senhoras e socios dos nossos primeiros clubs, e alguns numeros de acrobacia executados gentilmente pelos srs. Virtato Rosa e Carlos Martins.

O «rink», que fica situado em Bemfica, na Avenida Gomes Pereira, encontrar-se-ha ornamentado e iluminado.

A procura dos bilhetes tem sido grande e pode ainda fazer-se na rua do Ouro, 166.

Novidades literarias

«Sintese historica Portuguesa», por Epifanio Dias, 1.ª edi. etc., 2$000.

«Contra um plagio do Prof. Th. Braga». Dados para a ethno-psicologia literaria d'uma podestocracia, pelo Dr. Ricardo Jorge, 1 vol. 700.

F. de Figueiredo, «Estudos de literatura», 2.ª série, 700.

Teixeira Gomes, «Inventario de Junho», 2.ª edição, 800.

Tude de Sousa, «Arvores florestaes» 500.

D. Emilia de S. Costa, «Economia domestica», 500.

D. Emilia de S. Costa, «Polichinelo em Lisbon», 400.

D. Emilia de S. Costa, «Castelos no ar», 500.

L. de Moraes, «Metodo pratico de escrever sem erros», 250.

«Cartas do outro mundo», ditadas a E. Barker, 700.

Livraria Classica Editora

17, P. dos Restauradores, 17

Teatros e cinemas

Reclames

Eden

Recita da moda

A «cellula» da nossa Sociedade Elegante é, hoje, «rendez-vous» no Eden, a onde se efectua a primeira «recita da moda» que lhe é dedicada, com a «mise en scène» «Trombeta da Fama».

A peça continua obtendo um enorme exito, evidenciado numa serie de encheiras á cunha e em vibrantes aplausos aos seus interpretes, entre os quaes se distinguem José Ricardo, que é gracioisissimo no «comperes» e Joaquim Costa que desempenha com extraordinario relevo, varios papeis acompanhando-os, tambem brilhantemente Aulce Pancada, Albertina d'Oliveira, Julieta Soares, Margarida Martins, Elvira e Laura Costa, Armando de Vasconcellos, Correia, Fernando Pereira, Viana, Matias d'Almeida, Sebastião Ribeiro Amaral e outros seus colegas.

Para a recita de hoje foram, previamente, tomados muitos logares.

Politeama

Foram confiados a Satanela, Amarante, Roldão, Ghira, Francisco Martins, Tristão, Cremilda, Alfredo Silva, Honorina, Pedro Magalhães, Sara Mattos, Sampaio os papeis do novo quadro da revista «Saiada russa», em scena um dos mais notavel e indiscutido exito no Politeama.

O novo quadro que se intitula «Comes e bebes» e sobre o qual não queremos já formular juizos, estreia-se em breve.

A «Saiada Russa» conta esta noite 55 representações.

Avenida

Inauguração da epoca de verão

E' hoje que se inaugura a epoca de verão do teatro Avenida com a companhia de que fazem parte Silvestre Alegrim, Sofia Santos e Alda Aguiar.

Sobe á scena a sensacional comedia de Gavault tradução de Jorge d'Abreu «O homem de Gelo» da reportagem do Palais Royal de Paris, genero liro, em que Alegrim tem a parte de protagonista.

Aniversarios

Passa hoje o anniversario natelicio do nosso amigo S. Lino Ferreira, um dos festejados autores da revista «Trombeta da Fama».

NOTA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirijida para este jornal a João Telles, afim de ser publicada.

ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21—«Cora» e «A escravatura».

S. LUIZ—A's 9 h.—«Generos alimenticios», comedia.

TRINDADE—A's 9.30—«O gato malfeitor», revista.

GINASIO—A's 9 e 30—«A Morgedeira de Valdivia», comedia.

APOLO—A's 9.30—A famosa revista «A revolta».

POLITEAMA—A's 8.30—«Saiada russa», revista.

EDEN—A's 21.30—«Trombeta da Fama».

SALÃO FOZ—A's 9—Animatografo.

SALÃO DOS ANJOS—A's 20—A revista «Por casa sorte».

Animatografos

Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.

Olimpia—Animatografo e concerto.—«Muitos casos todos os dias».

Salão Central—(P. Alegria Foz)—Animatografo e concerto.

Cinema Condes—Animatografo e concerto.—«Mulheres» as quintas-feiras.

Cine-Paris—Animatografo ás 3.as, 5.as, sabados e domingos.

Cinema Colossal. Coliseu de Lisboa—Animatografo e variedades.

Salão da Trindade—Animatografo e concerto.

Salão Lisboa, á Guia—Animatografo.

Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatografo.

Chantecler—Todas as noites fitas faladas.

JARDIM ZOOLOGICO—Exposição permanente de animaes.

TINTURARIA

Cambournac

CASA FUNDADA EM 1846

As tintas para escrever da fabricação d'esta casa, vendem-se em todas as papelarias.

VENDA POR GROSSO

10, Largo da Annunciata, 10

LISBOA

O «Monte-Pio Geral», realiza com facilidade, a prazo e em c|corrente emprestimo sobre predios urbanos em Lisboa e concelhos limitrofes, ao juro de 5 1|2 0|0.

Pitta & C.ª—Camiseiros—

Artigos de novidade

95—97 RUA AUGUSTA—Telef. 154

MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL

206, R. Augusta, 214

51, R. d'Assunção 55

Emprestimos sobre joias, ouro, prata e papeis de credito. Juro maximo, 5 réis por cada 5 tostões.

Cofres para alugar nas casas fortes

Agua mineral Medicinal Mouchão da Povoa

Largamente conhecida e recommendada pelo seu enorme poder cicatrisante e desinfectante.

Uso externo: Optima regularisadora intestinal, doenças de estomago e das senhoras.

Numerosos attestados medicos e particulares.

Deposito geral, Largo do Conde de Barão, 48 (Telephone 3509 central).

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO

Villa Bean-Site

A 1:550 metros de altitude. Regimen suisso, no preço de reclame de 1$00 a 3$80. Recebe hospedes gratuitos. Informa Ramos & C.ª Ltd.ª

Sanatorio na Covilhã

BEIRA BAIXA